

“Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Jesus é o mesmo dentro de nós”

a dessacralização do divino na obra *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan

Maria de Fátima Lopes Vieira Falcão
Flávio Pereira Camargo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FALCÃO, MFLV., and CAMARGO, FP. “Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Jesus é o mesmo dentro de nós”: a dessacralização do divino na obra *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan. In: MITIDIARI, AL., and CAMARGO, FP., orgs. *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 165-189. ISBN 978-85-7455-442-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

“EU AMO ABEL COMO A MIM MESMO E O AMOR DE JESUS É O MESMO DENTRO DE NÓS”: A DESSACRALIZAÇÃO DO DIVINO NA OBRA *EM NOME DO DESEJO*, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Maria de Fátima Lopes Vieira Falcão¹

Flávio Pereira Camargo²

Voou para a água e nadou em direção aos magníficos cisnes. Estes viram-no e vieram ter com ele a toda a velocidade, agitando a plumagem.

—Vá, matem-me — disse o pobre patinho curvando a cabeça mesmo até à água enquanto esperava pelo fim. Mas o que é que viu ele refletido em baixo? Observou-se bem — já não era uma desajeitada ave feia e cinzenta. Era igual às orgulhosas aves brancas ali ao pé: era um cisne!

(ANDERSEN, 1945, p.78/79).

1 Bolsista da Capes e, atualmente, desenvolve pesquisa no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, sobre a obra de João Silvério Trevisan.
E-mail: <fatimafalcao@hotmail.com>.

2 Pós-doutor em Estudos Literários pela UFMG. Doutor em Literatura pela UnB. Doutor e Mestre em Letras e Linguística (Estudos Literários) pela UFG. Professor de Literatura Brasileira da UFT/Campus Universitário de Araguaína, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras.
E-mail: <camargolitera@gmail.com>.

Segundo Wolfgang Popp, citado por José Carlos Barcellos (2006), Hans Christian Andersen, como escritor, idealizou através de seus personagens sua “experiência como homossexual”, vista como “diferente e marginal”, como seu personagem acima, “O Patinho Feio”, por exemplo. Além disso, Popp (2006, p. 34) destaca que é preciso estar “sintonizado para ler de maneira coerente e metódica esses disfarces [para ser] capaz de decodificá-los de maneira plena”, uma vez que não são tão explícitos, de fácil dedução em uma obra literária.

Se no passado muitos escritores camuflavam sua homossexualidade através de seus trabalhos literários, na atualidade, acontece exatamente o inverso. João Silvério Trevisan, autor de *Em nome do desejo*, vai abordar o hoerotismo de forma “densa, corajosa e emocionada”, como Caio Fernando Abreu destaca na contracapa do livro. A obra é para toda categoria de leitor, principalmente para o adolescente em dúvida sobre a sua identidade sexual. Com certeza a leitura não apontará caminhos mais fáceis, contudo ajudará na construção da subjetividade daqueles que “descobrem-se amando contra a corrente. E, ainda que perplexos, amam (TREVISAN, 2001, p. 6).

Bem antes de adentrar na leitura da obra há o croqui de uma planta baixa do seminário onde a história se passa. Destaca-se a forma como é feita a separação dos internos: os menores e os maiores. Quando se adentra a “nave”, a partir do esboço, pela alameda, do lado direito ficam os nichos dos meninos maiores, e à esquerda o dos

menores. Tanto o campo de futebol quanto o galpão de recreio ficam do lado esquerdo, ou seja, a associação ao lado que se refere ao lúdico fica com as crianças menores; enquanto a capela, a horta, o galinheiro e o chiqueiro ficam do lado direito, em uma alusão à maturidade, à oração e ao trabalho.

No dormitório dos meninos maiores encontra-se o quarto do Reitor e no dormitório dos menores, o quarto do Diretor Espiritual. A sala da reitoria fica em frente ao corredor central, que dá acesso aos dois lados do seminário. A passagem proporciona uma visão bem abrangente de todo o prédio; com a leitura vai se percebendo que há um sistema hierárquico bem fundado para estabelecer a disciplina, além dos horários rígidos e dos malfadados Regulamentos, esses, por sua vez, sempre iniciados com letra maiúscula, como se personificassem uma entidade.

É sagaz a forma como é montada a narrativa na obra, em forma de perguntas e respostas, muito parecidas aos livretos que são modelados para o ensino do catecismo de crianças. Todavia, na obra de Trevisan, o narrador é astutamente irônico. O livro conta a história de amor de dois personagens, Tiquinho e Abel; desde a entrada de Tiquinho no seminário, ainda criança, pois ainda não usava cueca, “andar sem cuecas é contra o Regulamento” (TREVISAN, 2001, p. 58), seu primeiro susto quanto a sua sexualidade: “Alguma coisa saiu errada comigo” (TREVISAN, 2001, p. 59), quando se encantou por Abel, até a saída inesperada deste da instituição.

A partir dessa explanação, iniciamos este trabalho afirmando que a obra de Trevisan abordaria o tema do homoerotismo. É importante fazer um breve comentário sobre essa questão, uma vez que homoerotismo tem sido “uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*”, de acordo com Jurandir Costa (1992, p. 21). O autor segue acrescentando que o termo “exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra homossexual”. Mesmo porque Costa (1992, p. 23) lembra que “homem homossexual nada mais é que uma realidade linguística, e não uma realidade natural”; de modo que os termos “homossexualismo ou homossexual” estão completamente vinculados à discriminação e não dependem “da intenção do falante”, pois a linguagem não é acerto de contas, mas “uma forma de vida, uma aparelhagem simbólica complexa por meio da qual lidamos com nossas circunstâncias ambientais” (COSTA, 1992, p. 25).

A substituição, por parte de muitos autores, da palavra “homossexualidade” por “homoerotismo”, como salienta Barcellos (2006, p. 22), pode acarretar “perda política”, pois o termo homossexualismo estaria

[...] mais apto a formas de resistência [; todavia, esse autor diz que] em termos de crítica literária a abertura dada pelo conceito de homoerotismo é imprescindível para qualquer trabalho

que não se atenha exclusivamente a uma forma específica e bem delineada de relação ou identidade homoerótica,

ou seja, é muito mais abrangente com relação a outras identidades.

Quando se fala de um ambiente fechado, como o do seminário, na obra de Trevi-
san, onde há fortes relações entre pessoas do mesmo gênero, não podemos deixar de frisar sobre a homossociabilidade, que, segundo Eve Sedgwick (1985, p.1),

[...] é uma palavra ocasionalmente usada em História e nas Ciências Sociais, onde descreve ligações entre pessoas do mesmo sexo; [...] que pode ser caracterizada, como em nossa sociedade, por forte homofobia, medo e ódio contra homossexuais³.

É importante destacar que a homossociabilidade é uma prática que leva em consideração “os laços de solidariedade e colaboração, por um lado, ou de rivalidade e competição, por outro, entre os indivíduos que se identificam como pertencentes ao mesmo gênero”, como explica Barcellos (2006, p. 23). Visto por essa perspectiva, o seminário é “um espaço de exclusão e, ao mesmo tempo, possibilidade

.....
3 No original: “‘Homosocial’ is a word occasionally used in history and the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex: [...] which may, as in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality” (tradução nossa).

de existência da homossexualidade” (LOPES, 2002, p.129-130), que tanto pode provocar o distanciamento, como também estreitar as relações afetivas entre os seminaristas. Na obra *Em nome do desejo*, há uma demanda por identidade, pois, para cada aluno, há a solidão pelo corte familiar brusco e a necessidade de uma socialização forçada, hierarquizada por relações de poder com os superiores; a luta com o discurso bíblico e religioso para disciplinar os corpos; as injúrias por meio da linguagem; enfim, o seminário é o espaço da punição, da vigilância e da disciplina.

A nossa sociedade, predominantemente patriarcal, ainda tenta manter suas bases no binarismo ser homem ou ser mulher, embora ela tenha passado ao longo dos anos por radicais transformações históricas e sociais. As identidades diferentes dos padrões preestabelecidos são chamadas de “estranhas ou desviantes”, segundo Kathryn Woodward (2000, p. 32); esta autora prossegue dizendo que “a forma como nós vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação”.

Percebe-se, na obra de Trevisan, uma competição dentro do seminário, e muitas vezes inglória, vez que há a necessidade de se autoafirmar, se impor, pois, a todo o momento, exige-se, dos meninos, diferentes performances, resultantes de técnicas disciplinares que têm como objetivo moldar as suas subjetividades, as suas práticas, os seus corpos e os

seus desejos mais recônditos. De acordo com Tomaz Tadeu Silva (2000, p. 81):

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

A propósito da hierarquia, os meninos convivem com um Diretor Espiritual, que “transpirava ternura de mãe” (TREVISAN, 2001, p. 85); com um Reitor, que “lembrava o porte ao mesmo tempo garboso e irreprensível de um potro de raça” (TREVISAN, 2001, p. 85); com um Prefeito de Disciplina e com os anjos. O Prefeito de Disciplina é a pessoa que faz valer as regras, além de determinar os castigos, é temido e substituído a cada seis meses; tem o costume de proteger seus “prediletos ou peixinhos”. Por sua vez, os anjos são aqueles que recebiam os novatos e lhes “ensinavam pontos principais do Regulamento” (TREVISAN, 2001, p. 45). Já o Reitor e o Diretor Espiritual manipulam os meninos fazendo-os expor seus corpos nus, para verificação de higiene, em uma demonstração de “interesse” com os cuidados de limpeza de seus prepúcios, os dos garotos, entretanto

“seus gestos profissionais não conseguiam ocultar intenções subjacentes que os alunos mais sensíveis captavam” (TREVISAN, 2001, p. 97).

Curiosa é a forma como os sacerdotes repudiam em público a homossexualidade, porém, nas suas instituições, longe das vistas do povo, eles articulam a própria identidade homossexual. Ellis Hanson (apud BARCELLOS, 2006, p. 89-90), ao discorrer sobre os homossexuais que se tornam sacerdotes, afirma que eles “se converteram a uma igreja cujo discurso oficial repudia o homoerotismo de forma tão veemente”, e, ao mesmo tempo, ele responde dizendo que “a igreja pôde ser vista pelos decadentistas como um teatro para a articulação de desejo e das identidades homossexuais”; ou seja, na sociedade aberta, os prelados tendem a se esconder, como se estivessem em um “armário”. Já a igreja, com sua aura de acolher “homens corretos e pudicos”, torna-se um espaço de apoio para a articulação das suas identidades, a dos sacerdotes, uma vez que ela, a igreja, na maioria das vezes, faz vista grossa para os abusos sexuais cometidos por alguns de seus membros.

Na obra *Em nome do desejo*, a identidade está ligada ao disciplinamento, e este tem como espaço o seminário, e cada um desses espaços, como escolas, conventos etc. têm sua política de coerção e suas técnicas de disciplinamento. Essa política de disciplina “fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”, segundo Michel Foucault (1987, p. 119).

Este autor ainda nos lembra de que “durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares” (FOUCAULT, 1987, p. 119). No romance em tela, os internos

[...] levantavam-se às 5 e meia, [...]. Às 6 horas iam todos para a capela, [...]. Às 7 e meia, desjejum no refeitório [...]. Às 8 horas, início das aulas, que duravam até 11:55, [...]. Ao meio dia, almoço, [...]. Às 12:30 começavam os trabalhos comunitários obrigatórios [...]. Às 13:30, primeiro horário de estudo, [...]. Às 14:30, recreio para lanche rápido (TREVISAN, 2001, p. 35).

Os espaços de sociabilidade repetem determinados tipos de comportamento, buscando uma “docilidade automática” e os “treinamentos indefinidamente progressivos”, como salienta Foucault (1987, p. 142), têm como objetivos a produção de corpos automaticamente treinados para determinadas circunstâncias, e ficam longe de um comportamento naturalizado. Foucault (1987, p. 143) ainda nos lembra de que “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico”. Técnicas de disciplina que podem ser observadas no romance de Trevisan, pois o Reitor e o Diretor Espiritual tinham seus métodos disciplinares:

Quanto à masturbação, que continuava rigorosamente controlada, o Reitor assim se manifestava, em suas vistorias: ‘Deixa eu ver os peitos. Eta, peito inchado. Masturbação demais, rapaz. Vê se toma jeito. Peito inchado em homem é feio’. Já o Diretor Espiritual era diferente: relacionava-se e cuidava dos seus Menores como se levitasse desde o início e os chamasse para o alto, consigo. Usava estratégias poéticas: no caso da masturbação, amarrava fitinhas de várias cores no membro genital dos meninos mais reincidentes. As várias cores correspondiam à gravidade das fases masturbatórias. Para um controle que ele fazia pessoalmente e com rigor, obrigava os garotos a dar um nó na fitinha, a cada nova masturbação. Assim, acompanhava de perto a atividade pecaminosa dos pequenos, com muita imaginação (TREVISAN, 2001, p. 100).

Cada um dos internos é observado e, de acordo com o comportamento, recebe coimas (rezas, confissão). Mesmo o número de alunos sendo maior do que o de disciplinadores, todos os sujeitos (os alunos) estão em evidência, mesmo porque o poder é invisível, porém todos “os súditos têm que ser vistos” (FOUCAULT, 1987, p. 156). Sim, o poder é invisível, contudo a disciplina está em todos os cômodos do seminário, pois pode acontecer em qualquer instituição com o intuito de treinar os corpos, o que Foucault define como corpos “dóceis”.

As sanções, como a confissão e os exames de consciência, são parâmetros usados, neste caso, no seminário, com o intuito de medirem os “pensamentos e, principalmente, suas atitudes (no caso dos internos), devendo elas ser ‘coerentes’ ou não com os valores morais socialmente estabelecidos”, como destaca Cláudio Mendes (2006, p. 175). Neste sentido, conforme afirma Michel Foucault (1988, p. 70-71),

a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e inter-vém para julgar, punir, perdoar [...]. [...] articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação.

O personagem Tiquinho em alguns momentos começa a se afastar de seu mentor, o Diretor Espiritual, pois este insinua que a relação com Abel, amor de Tiquinho, deve ser cortada. Tiquinho não quer se ver em um imbróglio religioso, exatamente por temer o pecado, e, ao mesmo tempo, também não quer perder seu amor. A única solução é evitar seu superior, como um “mecanismo de defesa” (MENDES, 2006, p. 175).

Além disso, também existem as provo-

cações, os escárnios para demarcar uma identidade que é degradada e depreciada. Os garotos como Tiquinho eram chamados de “mariquinha”, eram humilhados no jogo do garrafão, “como um corredor polonês de lambadas por todos os lados” (TREVISAN, 2001, p. 49). A “turma dos humilhados”, como era conhecida a de Tiquinho, também era chamada pelo nome de “bicharada”. O próprio nome Tiquinho vem do pássaro Tico-Tico, que pode ser visto como alusão ao termo pejorativo atribuído aos homossexuais e perpetuado pela sociedade heteronormativa. Foucault (1998, p. 50) afirma que:

[...] o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; [...] nada daquilo que ele é, no final das contas, escapa a sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...]; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre.

Por sua vez, Judith Butler (2008, p. 39) afirma que “a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’”, ou seja, há o apagamento de certas identidades, da diferença (do outro). As agressões verbais são comuns e ininterruptas contra os *gays*, de modo que “paira como uma ameaça instalada em cada instante da vida so-

cial, arriscando para alguns fazê-la bascular num futuro que eles consideram inimaginável e insuportável”, de acordo com Didier Eribon (2008, p. 64). Assim, para muitos homossexuais, ficar no armário é uma estratégia de sobrevivência.

A partir dessas marcações linguísticas, tais como “mariquinha” e “bicharada”, como vemos na narrativa de Trevisan, reitera-se a naturalização do essencialismo, ou seja, as pessoas pertencem a “um determinado grupo identitário”, e por isso a “identidade é vista como fixa e imutável”, segundo Woodward (2000, p. 13), tentando moldar os corpos e os sujeitos que são diferentes dessa matriz. E essa distinção entre identidades ocorre justamente através e por meio da linguagem, pois é através dela que nós nomeamos o outro, atribuindo a ele/ela uma identidade linguística e cultural, pois o conceito de representação social do outro e, principalmente, da diferença que lhe é constitutiva é (de)marcada pelo discurso, pelo modo como o eu representa o outro. Enfim, trata-se de um processo de alteridade, com suas implicações para a compreensão da diferença do outro, que precisa ser questionado e problematizado por meio de um exercício de hermenêutica.

Esse discurso hostil em relação ao outro é depreciativo e é evidente que deixa marcas na sua subjetividade para sempre, pois não pertencendo a uma sexualidade hegemônica, esse sujeito é visto como uma “anomalia”, portanto, passível de correção, de uma sanção. A

brincadeira do garrafão entre os meninos no seminário dissimula essa correção e a sanção contra aqueles que são vistos como corpos indisciplinados, como seres abjetos. Julia Kristeva (1982, p. 4), ao se referir ao conceito de abjeto e abjeção afirma o seguinte “Não é a falta de limpeza ou saúde que causa abjeção, mas o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita limites, posições, regras. O que está entre, o ambíguo, o compósito”⁴2.

Outra autora que percebe a referência ao corpo como algo abjeto é Judith Butler (2010, p.161) ao afirmar que esses sujeitos considerados abjetos são seres “que não parecem apropriadamente genericados; é sua própria humanidade que se torna questionada”. Neste sentido, no seminário, os meninos mais fortes se aproveitam da agressividade da “brincadeira” para expor sua masculinidade e provar sua hierarquia e sua raiva e, assim, impor a dor física àqueles que são julgados como mais fracos, àqueles que borram as fronteiras entre os gêneros. Segundo Foucault (1987, p. 119), essa “coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”, que deixa marcas profundas na subjetividade dos sujeitos.

O narrador de *Em nome do desejo* brinca com o discurso religioso, como em uma desconstrução por meio da paródia, pois, como foi

.....
4 No original: “It is thus not lack of cleanliness or health that causes abjection but what disturbs identity, system, order. What does not respect borders, positions, rules. The in-between, the ambiguous, the composite” (tradução nossa).

dito anteriormente, a estrutura composicional da narrativa lembra os livretos de catecismo. Contudo, a obra toma um caminho discursivo completamente adverso, que se converte em local de enfrentamento discursivo, fazendo evasivas a seu bel prazer: “Mãe, mãe, por que me abandonaste?” (TREVISAN, 2001, p. 48); “Por pensamentos, palavras e, às vezes, por obras” (TREVISAN, 2001, p. 64); “Ministério da Santíssima Paixão” (TREVISAN, 2001, p. 159); “Na capela, respirava ao mesmo tempo sacralidade e sensualidade” (TREVISAN, 2001, p. 127); como uma forma de dessacralizar o discurso religioso.

Para Mircea Eliade (1992, p. 14), essa

[...] dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.

É como se o sagrado fosse um obstáculo à liberdade do homem.

Percebe-se, na narrativa, que há um conflito em Tiquinho por não entender o porquê seria considerado proibido um homem dizer “eu te amo para um outro homem” (TREVISAN, 2001, p. 124), se no próprio Evangelho de São João ele lê isso, e sentir-se tão atraído pela “imagem de São João com a cabeça recostada no peito de Jesus” (TREVISAN, 2001, p.124), como em uma humanização e erotização do

divino. Contudo, ele, o personagem, começa a fazer sua própria interpretação quando passa “a chorar de intensa felicidade, com a cabeça recostada no peito cheiroso de Jesus” (TREVISAN, 2001, p.159).

É importante dizer que esse “peito cheiroso” não é propriamente o de Jesus, mas o Jesus de Tiquinho, Abel, seu grande amor, como o amor de São João por Jesus no Evangelho. Há um emaranhado de imagens, crenças, religiosidade, questionamentos, e ingenuidade por parte do personagem que acaba por deixá-lo à mercê de suas próprias conclusões. Tudo o que Tiquinho lê e vê é como uma bênção para sua afeição por Abel.

Mesmo contra os alertas do Diretor Espiritual, as gozações dos colegas e todos os encontros às escondidas entre eles, Tiquinho via seu amor como sagrado e isso lhe bastava. O corpo de Tiquinho estava falando, um corpo que exala desejo, carente do corpo do outro. De acordo com Foucault (1988, p. 50), a sexualidade está “subjacente a todas as suas condutas” (a dos homossexuais), já que a sexualidade “é um segredo que trai sempre” (TREVISAN, 2001): “tratava-se de uma mescla de atração, curiosidade, veneração e necessidade diabolicamente alheia ao seu controle” (p. 179). Esta veneração, ou amor ingênuo do personagem Tiquinho, é demonstrada, em um poema de São João da Cruz, escrito em seu diário:

Como o amado no amante,
um no outro residia.
E tal amor que os une

no mesmo coincidia,
pois um igualava o outro
em intensidade e valia.
Três pessoas e um amado
entre todos os três havia,
um só amor nelas todas
e um só amante as unia,
em tão inefável nó
que dizê-lo não se sabia.
Era portanto infinito
o amor que as fundia
e de ser tão uno o amor,
tanto mais amor havia
(TREVISAN, 2001, p. 164-165).

Assim, podemos ter uma ideia da extensão do raciocínio de Tiquinho para sua relação com Abel e com Jesus: “Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Jesus é o mesmo dentro de nós” (TREVISAN, 2001, p. 165). Essa relação dos três é muito significativa para Tiquinho. É a Santíssima Trindade personificada em uma imaginação juvenil que corrobora o momento de paixão do protagonista, além disso, mostra a dimensão do amor de Tiquinho por Abel, que beira o divino para aquele. Mas quem pode julgá-lo? Principalmente envolto em um espaço inebriado de sentimentos comparados ao amor bíblico e às inúmeras proibições, sua imaginação e sua sexualidade afloram dentro de um âmbito completamente passional e existencial.

“Cada um de nós ainda não é o que é, tem de esforçar-se por chegar a ser”, diz João Guimarães Rosa, citado por Adélia Meneses (2010, p. 95). Esta frase expõe e revela ao leitor muito

do personagem Tiquinho. Ele foi apartado da mãe, achou-se diferente por amar alguém do mesmo sexo, estava em um ambiente hostil à sua identidade, lutando tanto espiritualmente com suas crenças quanto exteriormente contra os preconceitos advindos de seu desejo por Abel. Além disso, ele percebe que “Abel tinha outros interesses vitais” (TREVISAN, 2001, p. 187), ficando, portanto, em segundo plano na vida daquele que ama.

Tiquinho tinha uma sensibilidade notável para a música clássica, como as de Beethoven, Stravinsky, Schubert etc., mas era Rachmaninov que, com seu *Concerto Nº 2 para piano e orquestra*, o aderiu a Abel de uma forma particular. O compositor escreveu aquele concerto a partir da insistência de um médico e, depois de tanto tempo, “aquele médico levava o compositor russo a exprimir com perfeição o amor indescritível de dois rapazinhos brasileiros, eles mesmos” (TREVISAN, 2001, p. 175).

Além de o concerto proporcionar certa alegria a Tiquinho, também lhe concedia uma “sensação trágica do fim do amor” (TREVISAN, 2001, p. 175) entre ele e Abel. Uma sinfonia que é repleta de instrumentos de corda como violinos, violas e violoncelos, que conduzem o ouvinte a sentimentos fortes e ao arrebatamento do espírito. Segundo Eribon (2008, p. 46), a cultura, “no sentido amplo, e o gosto com tanta frequência evocado pelas divas, as estrelas do cinema, a imprensa, a literatura, os livros, as artes”, ou seja, esses deleites mais refinados e elegantes eram muito apre-

ciados pelos garotos chamados “afeminados”, e passavam despercebidos pelos componentes da “brincadeira do garrafão”, por exemplo.

Em certo momento da narrativa, a relação entre os dois jovens começa a degradingolar: “A amizade particular entre Tiquinho e Abel já fazia parte do repertório de fofocas prediletas da comunidade” (TREVISAN, 2001, p. 196). O Reitor, por sua vez, lembrava que “amizades particulares continuarão rigorosamente proibidas nesta casa feita para ideais mais nobres” (TREVISAN, 2001, p.197). E “o casal fenomenal” (TREVISAN, 2001, p.196), como eles eram denominados pelos colegas, jogava uma partida de vôlei quando Abel chamou Tiquinho de “frouxo” (TREVISAN, 2001, p. 212). Eis o fogo da inquisição.

O Mistério da Paixão de Tiquinho culminará com uma forte transformação de seu caráter, um garoto tímido, “um tiquinho de gente” (TREVISAN, 2001, p. 30), como diz o narrador, para lidar com a vingança e o remorso, dois sentimentos febris, de uma vez só. São fases que Tiquinho teve de passar na sua via dolorosa para se individualizar. Pode não ter sido da melhor maneira, contudo, como diz Meneses (2010, p. 95), “o ser humano que tem que lutar para ser o que, fundamentalmente, é”.

Implacavelmente, o tempo passa e a “tudo consome e devora”, como lembram Carlos Silva e Débora Silva (2001, p. 28). Tiquinho agora já é um adulto, está de volta ao antigo seminário que se transformara em um orfanato. Se no início da narrativa, o protagonista per-

gunta “por quais motivos eu quis voltar” (TREVISAN, 2001, p. 14), já no final indaga a si mesmo: “Quem me procuraria, neste lugar? – Abel Rebel, repete o irmão porteiro, de modo neutro” (TREVISAN, 2001, p. 232).

Denilson Lopes (2002, p. 130) afirma que *Em nome do desejo* é uma narrativa “sobrecarregada de tons barroquizantes”. De fato, há o amor, os desejos, o fervor religioso, as taras e os corpos em movimentos constantes, em uma narrativa que conduz a imagens *calientes*, cores e sons fortes, pois “todo barroco complica, entretece e dilata”, segundo Fábio Andrade (2003, p. 14). O crânio, em forma de vaso, no primeiro e no último capítulo, marca as transmutações pelas quais o personagem Tiquinho passou. Na Alquimia, o crânio é como um momento *mori*, um emblema da operação de mortificação, segundo Regina Carvalho e Amanda Silva (2003), ou seja, Tiquinho era “um ser anestesiado” (TREVISAN, 2001, p. 229), como o narrador o descreve.

Considerações finais

Tzvetan Todorov (2010, p. 77) nos lembra de algo muito precioso ao afirmar que “a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana”. Nós conhecemos o mundo vivendo e muitas vezes nos perguntamos: por que é que tal situação está me acontecendo? Por que eu? Não

é nada pessoal, nós estamos no mundo para descobrir o que o mundo nos coloca a nossa frente. Nesse sentido, *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, é intrépida, é uma “revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro” (TODOROV, 2010, p. 76).

Minorias que foram, ou ainda continuam marginalizadas, perseguidas, não podem “abrir mão da literatura”, porque ela é “um instrumento precioso de conscientização e resistência ao monologismo inerente ao discurso do poder hegemônico” (BARCELLOS, 2006, p. 47). Por isso, acreditamos que a literatura produzida por Trevisan tem tanto o poder de que fala Todorov quanto o objetivo que Barcellos ressalta ao se referir a uma obra literária. Além disso, falar sobre homoerotismo de uma forma não hipócrita é ter senso de humanidade, é saber que há leitores que querem se emocionar e se identificar com a obra literária.

Quantos garotos não se questionam, têm dúvidas, vivem os mesmos conflitos que Tiquinho? Não é com a imposição de uma herança patriarcal, de um dualismo entre o feminino e o masculino, de padrões de comportamento da sociedade atual que resolveremos certas questões consideradas polêmicas pela sociedade. Apenas para começar, o problema, na verdade, não precisaria existir, porque somos nós que estamos impondo nomenclaturas sobre as pessoas que amamos, ou ditando para os outros como eles devem se comportar ou escolher a quem amar.

Concordamos, portanto, com a afirmação do personagem “Teddy”, de Salinger (*apud* COSTA, 1992, p. 14), sobre a capacidade de os humanos amarem uns aos outros:

Acho que eles não são capazes de nos amar como nós somos. Parecem incapazes de nos amar a menos que consigam ficar mudando a gente um pouquinho. Eles amam os motivos que têm para nos amar tanto quanto amam a nós.

Somos plurais, pois esta é a condição do ser humano, “sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista, ou venha a existir”, afirma sabiamente Hannah Arendt (2009, p. 16).

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. O Patinho Feio. In: _____. **Andersen's Fairy Tales**. New York: Grosset and Dunlap Publishers, 1945.

ANDRADE, Fábio Cavalcante. **Ordem sinuosa: Barroco em Avalovara**. [S.l., 2003]. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030714180142.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: _____. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARVALHO, Regina S.; SILVA, Amanda C. S. Estórias de Harry Potter: um catalisador para o estudo da Alquimia. **Revista Ponto de Vista**, [Viçosa], n. 5, p. 113-125, 2003. Disponível em: <<http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume05/estorias.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOPES, Denilson. **O homem que gostava de rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, abr. 2006.

MENESES, Adélia B. **Cores de rosa**. Cotia: Ateliê, 2010.

SEDGWICK, Eve K. **Between men**: English Literature and Male Homosocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SILVA, Carlos Augusto Moraes; SILVA, Débora Cristina Santos. Poéticas intermédias: as interfaces do amor. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista (Org.). **Percursos da narrativa brasileira contemporânea**. Goiânia: Ed. da PUC/GO, 2011. v. 2.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TREVISAN, João Silvério. **Em nome do desejo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.